

## 6

### Considerações finais

#### A cidade que transborda das palavras

Por isso, os habitantes sempre imaginam habitar numa Aglaura que só cresce em função do nome Aglaura e não se dão conta da Aglaura que cresce sobre o solo. E mesmo para mim, que gostaria de conservar as duas cidades distintas na mente, não resta alternativa se não falar de uma delas, porque a lembrança da outra, na ausência de palavras para fixa-la, perdeu-se.

Ítalo Calvino

Ao longo deste texto, identifiquei os discursos do patrimônio que operam na cidade de Manaus e seus possíveis significados, que, analisados com base na intertextualidade skineriana, fundamentada no vocabulário normativo. Descrevi e interpretei como estes discursos foram se formando e como e até que ponto atuaram na efetiva construção do espaço público do Centro Histórico de Manaus.

Além destas reflexões e pensando numa síntese como conclusão das reflexões inspiradas nesta pesquisa de quatro anos, não construí um texto baseado na unidade. O que apresento aqui são pensamentos fragmentários, divididos em dois caminhos e várias trilhas. Um caminho sobre o que a tese me fez pensar e que se encontra dentro dela. Outro caminho, o que não está na tese, mas que me foram sugeridos por ela e que seguem como desdobramentos, para fora dela. Para pontuar a título de síntese, cada uma dessas reflexões, apresento abaixo uma lista, a começar pelo que é possível concluir nas trilhas dentro da tese.

#### • As políticas de patrimônio em Manaus

Durante este processo de pesquisa, interpretação e análise, observei três momentos distintos de criação, fortalecimento e efetivação de ações voltadas para o patrimônio e os espaços públicos em Manaus.

No primeiro momento, a legislação sobre o patrimônio passou a ser construída a partir da necessidade de frear as modificações diante das construções

da Zona Franca, no centro da cidade (que ainda não era centro histórico), no final dos anos 1970.

No segundo momento, nos anos 1990, iniciou-se um momento de fortalecimento com a Lei Orgânica do Município, o tombamento da primeira lista de bens de interesse do Estado, o tombamento do Centro Antigo e a criação da Secretaria de Cultura em 1997. Esta ação encerra o segundo momento de ações políticas e dá início à transição para o terceiro momento de efetivação prática no desenho dos espaços públicos.

O terceiro momento, então, foi marcado pela inauguração do Largo de São Sebastião, como modelo, definição estético-formal da construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus, que se seguiu para outros espaços, sob a ótica da *revitalização*.

A revitalização operada neste espaço-modelo, considerando a força simbólica do Teatro Amazonas, buscou *limpar* a sujeira ao redor do Teatro. Não só a área do entorno degradada e ocupada pelo estacionamento, mas também uma limpeza quanto aos grupos que conviviam no espaço, fazendo a sua retirada do local (lavadores de carro, crianças abandonadas e moradores de rua – uma realidade comum a todos os espaços públicos do centro da cidade, no final dos anos 1990).

Retomando algumas ideias já discutidas, a escolha do Largo deu-se a partir do princípio da visibilidade, explorando o significado do Teatro Amazonas como ícone da cultura urbana local, e também pela possibilidade de se construir com o espaço agregado das ruas um complexo de lazer, circulação e serviços, favorecendo a imagem de uma cidade bonita, limpa e cheia de eventos. O público-alvo, então, foi o turista. O olhar que se buscou valorizar, foi um olhar de fora para dentro e o Largo passou a ser o principal cartão-postal da cidade. Mais que isso, passou a ser a própria representação da Manaus revitalizada e pronta para mais uma vez mostrar-se ao mundo.

Além desses princípios de visibilidade e valorização do Teatro, a ideia da revitalização formal do espaço apareceu fundamentada na “idade do ouro” de Manaus: o ciclo da borracha. Tal retomada ficou evidente na busca de atrações que remetessem a uma **Manaus antiga**, a Manaus dos grandes espetáculos. Mesmo que formal, e esteticamente a busca tenha sido na **Manaus da Belle Époque**, o simbolismo afetivo retomado foi na **Manaus de antigamente**, dos

espaços vividos nos anos 1950 e 1960, testemunhados por Milton Hatoun, Thiago de Mello, José Aldemir de Oliveira e tantos outros que passaram aos seus textos a memória de uma cidade feliz. O Largo de São Sebastião foi o espaço-cenário para estas duas memórias: a cidade da borracha e a cidade dos espaços vividos pelos seus (as pessoas da cidade).

A política cultural implementada por Robério Braga em 1997 trouxe à tona antigos e recorrentes conflitos sobre o uso dos espaços públicos, principalmente a crítica quanto à elitização da programação do Largo e do Teatro. Contudo, o que se percebeu que caminhou em conjunto, ou às vezes em paralelo com essa programação, foi a retomada, a partir da abertura deste espaço físico, de manifestações e elementos da cultura cabocla.

Diante disso, a revitalização dos espaços públicos no Centro Histórico de Manaus significou também, mesmo diante dos conflitos, a revitalização da cultural local cabocla. Retomar a visibilidade de um espaço construído por uma cultura cosmopolita, instalada na cidade, abriu precedentes e fortaleceu também a abertura de espaços para manifestações da cultura cabocla. Tais elementos podem ser verificados na produção artística, especialmente no álbum de Nícolas Jr., *A Divina Comédia Cabocla*.

#### • **Tempo, espaço, patrimônio**

Existe um *espaço mental simbólico* construído com os discursos que alteram os espaços públicos no seu aspecto físico, para que estes sejam suportes desta memória. O patrimônio urbano revitalizado só tem sentido enquanto espaço para essa memória.

A Manaus que está no *imaginário poético* do manauara é a Manaus dos anos 1960. É este o tempo e o *espaço mental simbólico* que se busca não perder. É onde mora a *memória afetiva* do ser, estar e pertencer à cidade.

Ao mesmo tempo em que o espaço é revitalizado para revitalizar, nas bases materiais, nos objetos, no traçado das praças, a memória da Manaus rica do período da borracha, apontando para uma cidade cosmopolita e integrada aos projetos nacionais e internacionais de revitalização de centros históricos, há também uma revitalização da cidade cabocla, que valoriza os costumes dos grupos mais populares: o dialeto amazonês, a culinária, a relação com o rio.

No período da borracha, essa outra cidade foi afastada da visualidade do Centro Histórico, voltando no período da crise. Foi afastada novamente com a Zona Franca e voltou, a seu modo no período da crise da Zona Franca, com o comércio informal que ocupa o centro. E mais uma vez, essa cidade volta junto com esse processo novo de revitalização e está mais fortalecida, pois agora foi institucionalizada: “Eu tenho orgulho de ser amazonense”. Foi o que se constatou nos discursos do período de 1997 a 2012.

O espaço-tempo da revitalização, orientada também para o turismo como terceiro momento impulsionador da economia, pode ser a oportunidade para a Manaus cabocla e a Manaus cosmopolita coabitarem. E é nesse espaço-tempo da cidade turística que o *design* pode deixar sua contribuição, como já vem fazendo.

#### • O espaço como patrimônio afetivo

O patrimônio material se encontra na dimensão do construído pelo Estado através das políticas públicas, já o patrimônio imaterial se encontra na dimensão do vivido e imaginado. O Centro Histórico resume os contrastes da cidade entre a materialidade e a imaterialidade do viver na cidade e sentir-se pertencente a ela. Há uma cidade imaterial, subjetiva, afetiva nas palavras de José Aldemir, nos poemas de Aldísio Filgueiras e nas músicas de Nicolás Jr. Essa cidade afetiva habita os espaços pela memória que se tem deles e se retoma esses espaços em algum momento do dia ou da noite, com uma música, um canto de pássaro, um som de fonte jorrando, a sombra de uma árvore. São estes os detalhes que impulsionam as escolhas de permanecer nos espaços e se sentir parte dele, assim como passar e olhar o espaço bonito, revitalizado, também constitui prazer e alguma felicidade por se sentir parte desta cidade bonita.

#### • A revitalização do espaço como revitalização da memória

Há dois humores regendo esse momento de revitalização: de um lado o poder público cria e recria obras evocativas à *Belle Époque*; por outro lado, as pessoas recebem tais obras na vontade de viver e reviver a **Manaus Sorriso**, presente nos postais dos anos 1960, nos livros do poeta Thiago de Mello e do escritor Milton Hatoum e outros pesquisadores que vivenciaram essa época. Por isso não há um discurso forte contrário a tais projetos. Percebe-se uma

conformidade que legitima as ações do poder público e a festa celebrativa dos espaços que são reabertos.

Faz-se necessário analisar mais atentamente essa relação entre o espaço físico e a subjetividade que este espaço evoca, ou como defende Silva (2001:XXIV):

Se aceitamos que a relação entre coisa física, a cidade, sua vida social, seu uso e representação, suas escrituras, formam um conjunto de trocas constantes, então vamos concluir que em uma cidade o físico produz efeitos no simbólico: suas escrituras e representações. E que as representações que se façam na urbe, do mesmo modo, afetam e conduzem seu uso social e modificam a concepção do espaço.

No caso do Centro Histórico de Manaus, o que se tem observado é que, institucionalmente, através de políticas públicas de patrimônio, a forma dos espaços públicos remete à cidade construída no período do ciclo da borracha, denominado de *Belle Époque*, que traz consigo, além do desenho da cidade, também o espírito ou aura cultural, buscada através dos eventos que são realizados especialmente no Largo de São Sebastião, onde fica o Teatro Amazonas, o símbolo maior deste período. Esta forma física busca definir os comportamentos e usos dos espaços. Por outro lado, o humor que habita os espaços revitalizados, para além do espaço físico, remete à memória da cidade existente pós-ciclo da borracha, exatamente no seu declínio, quando alguns autores o definem como o período do uso da cidade. É a esta memória afetiva que se voltam também os gestores, na intenção de transformar os núcleos criados em espaços vivos para o turismo e para a sociedade local.

Há uma força que lança a imagem para fora e inclui os projetos de revitalização dos espaços em Manaus nas propostas de visibilidade e *city marketing* nacional e internacional. A construção física do espaço é para fora, para adequar-se ao turismo. Há outra força que lança a memória para dentro, para um tempo-espaço vivido e saudoso. As práticas no espaço buscam essa memória e os discursos legitimam essa busca por imagem e memória. Nesse sentido, o patrimônio se presta aos dois papéis.

O urbano é o que se lança para fora. A cidade é o que acontece dentro (SILVA, 2001). Dessa forma, as mudanças no espaço físico e que atendem às concepções urbanas buscam uma conformação com o que está fora, o urbano ou a urbanidade nacional e internacional. Mas o que se vivencia é cultural, interno e está no âmbito da cidade e que também nos remete a uma cidade vivida em outro tempo. A cidade não se conforma ao urbano, tem vida própria e se apropria da estrutura urbana, dando-lhe significado interno, modificando-a.

#### • **A revitalização do espaço como revitalização da cultura**

Os projetos de revitalização do espaço público que foram iniciados em Manaus em 1997 trouxeram junto a revitalização da cultura, ou melhor, das culturas presentes na cidade. Se de um lado serviu para ser palco de festivais de ópera e outros eventos que remetiam à cidade da época da borracha e a uma cultura inspirada na Europa, por outro lado forçava a emergência da cultura cabocla, da valorização de costumes nativos. Alguns projetos da Prefeitura contribuíram para esse novo sopro das manifestações locais, como o projeto Valores da Terra, da antiga Fundação Villa-Lobos, que lançou cds e oportunizou outras produções de artistas locais. A Editora Valer também teve o seu papel de destaque com a publicação de livros importantes para o estudo e a compreensão da história do Estado e da cidade e que se encontravam esgotados; bem como a publicação de novos autores e pesquisas sobre a cidade. Conhecer permite valorizar e foi o que aconteceu nesse período.

Além do que foi discutido dentro da tese, as pesquisas levaram a reflexões importantes e foram sendo construídas à parte, enquanto se construía o texto base. Algumas delas apresento a seguir.

#### • **Contribuições para observar o espaço público**

As leituras sobre espaço público e as pesquisas de campo nos espaços públicos em Manaus e em outras cidades culminaram por me fazer listar pontos importantes para observar estes mesmos espaços. Uma questão pode ser pensada: Quem forma o nosso olhar? A estética urbana segue orientações internacionais. A sociologia e a antropologia também podem contribuir para se perceber e analisar o espaço. E foi a partir da junção desses dois caminhos que listei doze pontos, que, a partir de três questões básicas, podem contribuir para a qualidade na observação e

descrição dos espaços públicos: pessoas, trajeto, traçado, mobiliário, paisagismo, monumentos, entorno, sonoridades, cheiros, ritmo, identidade, humor.

1. Pessoas: Como chegam? Como se comportam? Como usam os espaços?
2. Trajeto: Como se chega? Para aonde se vai? Como são os caminhos?
3. Traçado: Como é o desenho? De que material são feitos os limites? Como o traçado dialoga com o entorno?
4. Mobiliário: Existem bancos? Como é a iluminação? Que outros mobiliários o espaço apresenta?
5. Paisagismo: Existe um projeto paisagístico? Qual o nível de cuidado? É coerente com o espaço?
6. Monumentos: Existem esculturas? Há placas de identificação? Como estão dispostas?
7. Entorno: Como é o entorno? Caracteriza-se por comercial, residencial? Como o entorno dialoga com o espaço?
8. Sonoridades: Quais tipos de sons são possíveis ouvir? São agradáveis? Os sons da rua chegam ao espaço?
9. Cheiros: Quais tipos de cheiros se podem sentir? São agradáveis? Os cheiros da rua chegam ao espaço?
10. Ritmos: Qual o ritmo do espaço? Esse ritmo é contagiante? O ritmo do espaço se integra com o entorno?
11. Identidade: O espaço se oferece a que tipo de público? É um espaço para crianças e idosos? É um espaço diurno, noturno ou os dois?
12. Humor: Qual o humor do espaço? Esse humor é contagiante? O humor do espaço se integra com o entorno?

#### • **Sobre os usos e identidades dos espaços pelos usos**

Das leituras de “Imaginários Urbanos” foi possível perceber um amplo leque de possibilidades de pesquisa sobre a cidade e seus espaços. Como, por exemplo, a relação da identidade dos espaços efetivada pelos usos, a percepção dos espaços como sujeitos, com suas características de humor e ritmo. Infelizmente não foi possível uma apropriação mais aprofundada na construção do capítulo sobre os espaços revitalizados e não revitalizados. Mas, a leitura segue como sugestão para a continuidade das pesquisas envolvendo design urbano, num

aprofundamento dos conceitos de *cidade vista*, *cidade imaginada*, *cidade marcada* e *cidade vivida*.

Nesta tese foi possível perceber quatro cidades que habitam o mesmo espaço: *Manaus marcada*, a *Belle Époque*; *Manaus vista*, cidade-postal; *Manaus vivida*, Porto de lenha; *Manaus imaginada*, a Manaus sorriso. Quatro caminhos para buscar os discursos, seus sujeitos e seu patrimônio.

#### • **História do *Design* como História da Cidade**

Outro possível caminho de continuidade de estudos é pensar a história do *design* como história da cidade, numa paráfrase a Giulio Carlo Argan, porque as transformações culturais e tecnológicas ficam materializadas no espaço público, marcado pelas políticas públicas, mas também pelos usos coletivos. Nesse sentido é necessário pensar a formação do *designer* e o olhar a cidade para perceber essas marcas (elementos visuais e traçados dos espaços).

#### • **Secretaria de Cultura e a descentralização da política cultural**

Quanto à Secretaria de Cultura e sua política cultural, durante todo o texto se apresentou a centralização como alvo de críticas. Algumas modificações foram percebidas, mas não é possível afirmar tão precocemente que esteja acontecendo uma descentralização na política cultural do Estado, mas o que se percebeu no último ano (2013) foi a tentativa da Secretaria de Cultura em levar os festivais para o interior do Estado. Alguns municípios do interior receberam a programação completa dos festivais, ficando Manaus com algumas cerimônias de abertura e encerramento. Entretanto, o que se observou também foi que a estrutura montada não atendeu à população de forma satisfatória, uma vez que a capital ficou desprovida das atividades culturais. Ou seja, há muito ainda o que ser discutido sobre o que pode ser realmente uma política cultural efetiva que possa atender um Estado com as especificidades do Amazonas.

#### • **A Manaus que temos**

Sobre as mudanças administrativas da municipalidade, o Prefeito Arthur Virgílio Neto tomou posse no dia 1º de janeiro de 2013 e suas prioridades eram: a revitalização do Centro, a limpeza da cidade e a abertura do Mercado Público Adolpho Lisboa no dia 24 de outubro, aniversário da cidade. Seu vice-prefeito,

Hissa Abrahão, é engenheiro e Secretário de Infraestrutura. Arthur criou uma nova secretaria, a Secretaria Extraordinária de Requalificação do Centro de Manaus, sob o comando do também engenheiro Rafael Lemos Assayag. O Prefeito, vestido de gari, começou na mesma noite de 1º de janeiro a operação de limpeza na cidade. Uma das primeiras ações foi a conversa com os camelôs que atuam nas proximidades do Relógio Municipal, na Praça da Matriz. O núcleo mais complexo para a organização do Centro foi o escolhido para o início dos projetos de mudanças para o Centro Histórico.

Na mesma semana, Inês Daou, da Agência de Promoção Cultural e Turismo (a junção das secretarias de turismo e cultura), anunciou a criação do Museu da Cidade, que funcionaria no Paço Municipal com exposição de artistas locais, e ainda uma nova programação no Teatro Café, um espaço nas proximidades do Paço Municipal.

Na segunda semana de janeiro, foi anunciada a nova composição do Conselho Municipal de Política Cultural, presidido por Márcio Souza, tendo como vice o músico e poeta Celso Braga. E, no final do mês, as manchetes tratavam das discussões sobre a construção do “camelódromo”.

Como resultados, o Mercado Público foi reaberto, conforme prometido, aplaudido com entusiasmo pela população que visitou o prédio e participou da festa de reabertura que começou dias antes do evento, o grande evento da inauguração, maior que a devolução concreta do espaço. O prédio foi “devolvido” à população, e isso parece que bastou para a ansiedade dos que se indignavam com um prédio tão bonito ali fechado. No entanto, o que pude observar é que apenas o prédio foi reaberto, o Mercado efetivamente não voltou a funcionar com a reabertura do prédio.

Os discursos do patrimônio vêm alterando significativamente o espaço público do Centro Histórico de Manaus, estando à frente da maioria dos projetos, o Secretário de Cultura Robério Braga. Tais mudanças visam não só a incluir a cidade no cenário do turismo de cidades históricas, como é mais uma tentativa de marcar uma identidade urbana e cultural para se opor a uma identidade de capital da floresta e mais uma vez dialogar diretamente com o mundo, reforçando sua característica de cidade internacional.

No período de 1997 a 2012, os projetos de revitalização de espaços públicos mais significativos no Centro Histórico de Manaus foram feitos pela Secretaria de

Cultura do Estado. A partir de 2013, como resultado do tombamento do Centro Histórico pelo Iphan, a liberação de verba no valor de R\$ 65 milhões de reais pelo Programa do Governo Federal PAC – Cidades Históricas, pode haver, conforme foi anunciado, obras de requalificação em outros espaços. No momento em que a gestão de Robério Braga encontra-se desgastada, pode haver uma alternância na gerência dos projetos de revitalização nesta área central da cidade.

- **A Manaus que se transforma**

Como já dizia Ítalo Calvino, “as cidades e os céus nunca permanecem iguais”, então, Manaus continua se transformando e não é a mesma do início dessa pesquisa. Duas das praças listadas aqui como parte dos espaços não revitalizados terminam esta tese como espaços em fase de revitalização. Em 2013 a Praça Torquato Tapajós foi fechada para obras. No início de 2014, foi a vez da Praça da Matriz.

Poucos dias antes do carnaval, aconteceu a transferência dos camelôs da Praça da Matriz e Avenida Eduardo Ribeiro, para três camelódromos provisórios nas proximidades. A transferência foi iniciada no sábado, dia 23 de fevereiro. No domingo, as ruas foram lavadas e na segunda-feira, a população acordou com outra imagem do Centro Histórico. A desobstrução das calçadas promoveu, além da abertura do espaço para caminhar, também abertura do espaço para o olhar. Tal ação foi amplamente divulgada nos meios de comunicação e nas redes sociais. A Praça da Matriz foi fechada para obras de revitalização. O gargalo que mencionei ao longo do texto, começou a receber ações efetivas. A responsabilidade de sediar jogos da Copa do Mundo de Futebol, foi o impulso para ações conjuntas da Prefeitura, Estado e Governo Federal em relação ao Centro Histórico de Manaus. E a população, ao olhar para o espaço limpo, acredita em transformações maiores.

### **E no final das trilhas... Manaus é em parte Aglaura**

No final do percurso, percebi que Manaus tem muito de Aglaura, uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino (1990). Tem espaços apagados, “sem personalidade”, invisíveis. Para os viajantes do começo do século XIX, talvez parecesse uma cidade “colocada ali por acaso” ou por capricho, entre o rio e a floresta, onde parecia que nada poderia florescer como espaço urbano. Mas, em Manaus, para os que são de Manaus, “em certas horas, em certas ruas, surge a

suspeita de que ali há algo de inconfundível, de raro, talvez até de magnífico” e a cidade mostra a sua “alma encantadora”. Os espaços revitalizados recuperaram um pouco desse encanto da cidade para a contemplação de quem passa. Mas a memória afetiva apelada foi a da vivência nos espaços, não apenas para o consumo do olhar. Há a necessidade dos espaços públicos para o estar e existir no espaço, caracterizando uma cidade que dialoga com o corpo e este, que integra a cidade para além dos olhos. Fora do Centro Histórico há outros espaços vivenciados com esse mesmo humor, com encantamento e que continuam à margem de ações de revitalização ou requalificação que privilegie aspectos significativos destes espaços para seus usuários. Como em Aglaura, Manaus também vive em função desse imaginário urbano e esquece da Manaus “que cresce sobre o solo”. A Manaus imaginada, permanece viva, como ainda estão vivos os seus herdeiros narradores, que plantaram nos mais jovens a saudade e a vontade de viver na **Manaus sorriso**, na **Manaus de antigamente**. É essa Manaus que transborda das palavras para habitar os espaços públicos revitalizados no Centro Histórico e vestidos com o véu do patrimônio.